

# Exportações de couro caem no 1º trimestre

Vendas para o mercado externo recuaram tanto em volume quanto em valor no período de janeiro a março deste ano

**MICHEL POZZEBON**

michel.pozzebon@gruposinos.com.br

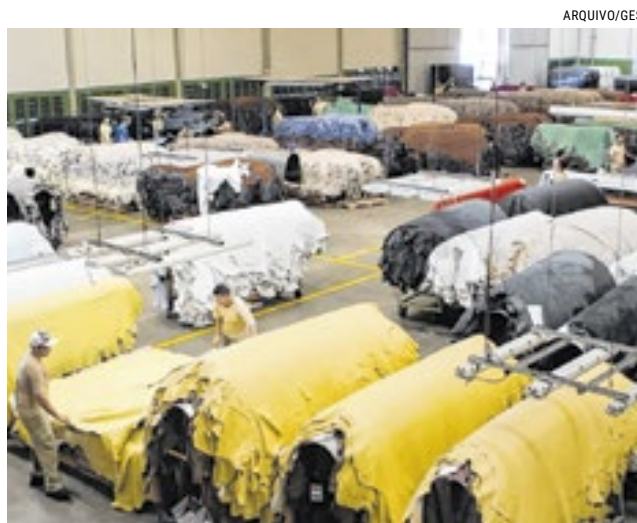
O Brasil exportou 46,3 milhões de metros quadrados e 170 mil toneladas de couros e peles no primeiro trimestre de 2026, que geraram US\$ 267 milhões. O resultado corresponde a quedas de 6,9% em área, de 2% em peso e de 10,6% em valor na comparação com o mesmo período do ano passado. Os dados são da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, foram analisados pelo Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB) e constam no documento Exportações Brasileiras de Couros e Peles — Março de 2026.

Os três primeiros meses do ano, segundo o CICB, mostram um cenário de vários obstáculos para as exportações brasileiras de couros e para o mercado mundial como um todo. “Vivemos atualmente a consolidação de questões inicia-

das em 2025, como barreiras ao comércio internacional, sendo uma das mais importantes o chamado ‘tarifaço de Trump’, que impôs tarifas adicionais às exportações do Brasil para os Estados Unidos. Mesmo que a sobretaxa não exista mais no mesmo modelo de 2025, seus reflexos são vistos com clareza agora, e a retomada dos negócios não se dá de forma repentina”, avalia o gestor de Inteligência Comercial do CICB, Rogério Cunha.

## EUA e Itália

Em 2026, até o mês de março, os norte-americanos têm queda de 25,2% nas importações de couros do Brasil sobre os três primeiros meses de 2025, quando a tarifação não estava vigente. A Itália se aproxima dos Estados Unidos no ranking de maiores compradores de couro brasileiro: no primeiro trimestre, os italianos importaram o equivalente a US\$ 27,4 milhões, e os norte-americanos US\$ 28,9 milhões.



Foram embarcados 46,3 milhões de metros quadrados

## NOVO CENÁRIO

Ainda de acordo com Cunha, em adição ao assentamento de um novo cenário com os EUA, os últimos meses tiveram no panorama geopolítico internacional novas incertezas relevantes para o comércio global. “Naturalmente, houve reflexos diretos sobre cadeias produtivas, custos logísticos e decisões das indústrias mundiais, incluindo a do couro”, aponta. Ele sustenta que a “pressão sobre os preços internacionais do setor vem ocorrendo nos últimos anos e que “vê essa tendência com clareza no balanço das exportações, uma vez que os valores têm quedas superiores à área e volume”. Cunha observa que a guerra entre Rússia e Ucrânia “mantém pressão sobre energia, fertilizantes e fluxos” no Leste Europeu, e “isso traz um impacto importante em toda a União Europeia, que responde por mais de 20% de participações nas nossas exportações”. Já, as tensões no Oriente Médio “elevaram custos de frete, seguros e prazos”.

## Relatório mapeia produção de wet blue

O setor coureiro do Brasil apresentou, recentemente, o Relatório de Sustentabilidade Setorial da Indústria Brasileira de Couros 2026 ano-base 2024. O documento apresenta indicadores, números e resultados no escopo ambiental, social e de governança corporativa da produção de couros wet blue no País nos anos de 2023 e 2024. A coleta de dados, organização e apresentação dos resultados foi liderada pelo projeto Brazilian Leather, parceria entre o Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil). As informações foram co-

letadas a partir do trabalho de 28 unidades produtivas de couros wet blue — todas pertencentes aos maiores grupos empresariais da indústria curtidora nacional, compreendendo a produção de 21,7 milhões de peças de wet blue em 2023 e 23,2 milhões de peças em 2024.

Segundo o assessor de Sustentabilidade do CICB, Ricardo Andrade, com este relatório setorial, todas as empresas que produzem wet blue no Brasil podem avaliar se o seu uso de insumos como água ou químicos, por exemplo, está em linha, inferior ou superior à média brasileira. “Isso apoia diretrizes de aprimoramento contínuo e adoção de me-

lhores práticas. É a primeira vez que esse tipo de dado geral é organizado e divulgado no País, e temos a intenção de ampliar coletas de informação desse gênero”, comenta.



Dados são dos maiores produtores do material no País

lhores práticas. É a primeira vez que esse tipo de dado geral é organizado e divulgado no País, e temos a intenção de ampliar coletas de informação desse gênero”, comenta.

Com o auxílio da plataforma de gestão em sustentabilidade ESG Now, o Brazilian Leather desenvolveu e customizou software com indicadores ligados à produção curtidora no País.

## MACROECONOMIA

Por Orlando Assunção Fernandes\*



## Alta do petróleo pressiona inflação

Nas últimas semanas, um velho conhecido da economia global voltou a dominar as manchetes: o barril de petróleo. Após superar a barreira dos US\$ 126 ao final do mês de abril, o barril vem se mantendo, em média, acima dos US\$ 100, muito acima do patamar de US\$ 65 registrado antes do início do conflito no Oriente Médio.

Quando o preço desta commodity atinge patamares elevados, como os observados atualmente, o efeito não se restringe apenas às bombas de combustível.

Com ele tem início um efeito cascata que percorre toda a cadeia produtiva, pressiona os índices de inflação e, por consequência direta, obriga o Banco Central a manter taxas de juros em níveis restritivos por mais tempo.

Como sabemos, o Brasil é um País movido a rodovias. Quase tudo o que consumimos viaja em caminhões. Sendo um País dependente majoritariamente do transporte rodoviário, qualquer oscilação no preço do diesel é rapidamente repassada ao custo do frete.

Esse fenômeno é o que os economistas chamam de choque de oferta, isto é, um aumento nos custos do transporte leva as empresas a repassarem-no aos preços de seus produtos, encarecendo desde alimentos a bens de consumo duráveis.

Como resultado, as projeções para o IPCA (o índice oficial de inflação) de 2026 vem sendo revisadas para cima atingindo 4,89% (valor que supera o teto da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional, hoje em 4,50%).

Se antes havia o otimismo de que o Banco Central poderia iniciar o ciclo de afrouxamento monetário, reduzindo a Selic ao longo de 2026, o fato é com a pressão advinda da explosão do preço do petróleo o cenário mudou e a queda dos juros será mais modesta.

O Relatório Focus indica que o mercado agora espera que a Selic encerre 2026 em 13% ao ano. Esse patamar deverá, em breve, ser revisto para cima pelos analistas a depender da duração do conflito no Estreito de Ormuz.

O certo é que quanto mais tempo durarem as animosidades no Oriente Médio, maior será o impacto sentido nos índices de preços e, portanto, menos espaço o BC terá para reduzir o juro básico da economia (taxa Selic).

Para o leitor menos afeito ao economês, isso significa dizer que a gestão do seu orçamento doméstico em 2026 exigirá cautela redobrada. De um lado, os preços dos produtos estarão pressionados pelo custo logístico derivado do preço mais elevado do petróleo. De outro, o custo do dinheiro (taxa de juros) deverá também permanecer salgado por mais tempo do que o previsto.

O fato é que o preço do petróleo ditará, em última instância, se o brasileiro terá fôlego financeiro para consumir ou se precisará apertar os cintos diante de uma inflação mais alta e de um crédito que teima em não baratear.

E quanto mais tempo este conflito perdurar, mais a alta do barril de petróleo se converterá em uma espécie de imposto invisível que todos pagaremos.

\*Economista, Mestre em Economia Política e Doutor em Teoria Econômica pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).